

COTIDIANO OU COTIDIANOS? PERCEPÇÕES DE DUAS ALUNAS COTISTAS

Patrícia Costa Pereira da **Silva** – UNIRIO

Introdução

Este trabalho é uma apresentação de alguns resultados preliminares de uma pesquisa em andamento, cujo objetivo principal é analisar o cotidiano acadêmico do cotista negro da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj). Procurar-se-á compreender as estratégias utilizadas para superação de possíveis dificuldades; observar se tensões são surgidas no dia-a-dia e, se estas podem influenciar no desenvolvimento acadêmico e nas condições de permanência na universidade.

Para viabilizar este estudo, a partir de considerações dos últimos vestibulares, na literatura específica sobre a temática e em informações que circulam na mídia em geral, foram estabelecidos 2 cursos para análise: Direito e Nutrição. A escolha destes dois cursos foi baseada na leitura de uma entrevista da então sub-reitora de Graduação, Professora Raquel Villardi, concedida ao Laboratório Políticas da Cor da Uerj (PPCor). A professora, nessa entrevista, afirma que o curso de Direito teve seu perfil racial discente amplamente modificado pelo sistema de cotas; já o curso de Nutrição, não sofreu grandes alterações. É importante ressaltar que a Uerj foi escolhida por ter sido a primeira universidade brasileira a implantar o sistema de cotas, em 2003 e, atualmente, é a uma das duas universidades localizadas no estado do Rio de Janeiro – a outra é a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) - com política de ações afirmativas.

A abordagem teórico-metodológica

Para responder as questões supracitadas, a metodologia denominada observação participante está sendo utilizada. Além da observação participante, questionários e entrevistas são utilizadas como heurísticas. É importante ressaltar que a minha inserção em campo ocorre há pouco mais de um ano: participo de atividades acadêmicas como aula, seminários e eventos em geral. Mas, o meu maior “ponto de encontro” com os estudantes são os chamados “espaços de sociabilidade” dos estudantes, como corredores, pátios, bares e reuniões de centros acadêmicos e coletivos de estudantes,

como o DeNegrir (Coletivo de Estudantes Negros da Uerj). Esta vivência na Uerj está permitindo o enriquecimento de um "diário de campo", com informações e impressões que uma pesquisa bibliográfica ou apenas entrevistas, não me permitiria. Pode-se dizer que essa participação em campo foi facilitada por meu perfil pessoal que, em dada instância, assemelha-se muito a um estudante universitário: negra e jovem de 23 anos, sou constantemente confundida – seja por próprios estudantes, seja por funcionários - com uma legítima estudante de graduação da Uerj. Ainda que a juventude esteja ao meu lado, não é tarefa fácil identificar, em campo, quem é e quem não é cotista. Para tanto, conto com o suporte das coordenações dos cursos escolhidos, assim como seus centros acadêmicos e o Coletivo de Estudantes DeNegrir. Este suporte pode ser traduzido na indicação de estudantes. A internet também está sendo um excelente mecanismo de pesquisa.

Até o momento, foram realizadas 10 entrevistas semi-estruturadas com estudantes que ingressaram na Uerj via reserva de vagas para afro-descendentes (3 estudantes de Nutrição e 7 de Direito). Também foram entrevistados os coordenadores dos cursos de graduação escolhidos para esta pesquisa.

Para este trabalho, será apresentada uma análise de conteúdo das entrevistas realizadas com duas estudantes, uma de Direito e uma de Nutrição. Neste trabalho serão utilizados nomes fictícios para preservar a identidade das entrevistadas.

Samantha é uma moça bem jovem (19 anos) e muito bonita. Moradora do bairro da Abolição, estudou em escola particular de Madureira. Estava, à época da entrevista, no 2º período do curso de Direito.

Camilla é uma jovem de 26 anos. Bem articulada, estava à época da entrevista no 6º período de Nutrição. Moradora da Pavuna, sempre estudou em escola pública.

As percepções das estudantes

Após conhecer um pouco a trajetória escolar de Samantha e Camilla, as perguntas da entrevista foram direcionadas para seu cotidiano acadêmico. Quanto às dificuldades financeiras, Samantha revela que não sofre nenhuma dificuldade financeira que a levaria a desistir da graduação. Assim como todos os cotistas (oriundos de escola pública, afro-descendentes e outros beneficiados¹) as alunas recebem uma bolsa de R\$

¹ Indígenas, filhos de policiais e bombeiros mortos.

250,00 do Proiniciar²: *“Ah, a bolsa ajuda bastante, mas é claro que dificuldades financeiras todo mundo enfrenta...” (Samantha)*

Camilla ingressou na Uerj em 2005. Se hoje ainda passa por dificuldades de ordem financeira (ela faz tranças para obter renda extra), quando do ingresso, estas eram ainda maiores:

“Eu não tinha computador(...) Então foi muito difícil porque tudo era on line, que nem eu te falei: “Hah, não tá na pasta, mas tá na internet”. Se no domingo a noite você tem “bater” pra segunda-feira, no domingo faltou alguma coisa, sem ter computador em casa, imagina, se a lan house tá fechada, tem que incomodar o vizinho. Sabe? É uma coisa assim.”

“Comprei [o computador] em 2007”.

Quanto às relações interpessoais, Samantha não percebe nenhum tipo de discriminação: *“Não...Se tem ela passa despercebido porque eu nunca passei (...) mas no dia-a-dia a gente não sente isso não, eu não sinto.”* Mas, a partir de uma interferência de uma colega, Samantha conta uma situação de preconceito que viu. Segundo a aluna, num torneio esportivo, *“uma história de preconceito rolou”*. É necessário explicar: o torneio esportivo é comumente denominado “Jogos jurídicos” e possui várias modalidades como futebol, basquete e handebol. Várias universidades competem entre si. Samantha conta o que aconteceu durante a competição de 2009:

“A gente sabe que aconteceu isso uma vez, chamaram os estudantes de “Congo” (por causa dos cotistas), mas aí o que aconteceu para amenizar isso, os estudantes da UERJ inteligentemente assumiram a identidade de Congo, porque não tem problema nenhum a gente ser cotista, negro...A partir daí não aconteceu mais nada, porque nem tem motivo para isso.”

Já Camilla coloca que existe um processo de discriminação, tanto dos professores, quanto de seus colegas:

² O Programa de Iniciação Acadêmica - PROINICIAR –, criado pela Deliberação 043/2004, em conformidade com a Lei 4151/03, que foi atualizada pela lei 5346/2008, atende alunos que ingressaram por meio do sistema de reserva de vagas e tem como objetivo apoiar o estudante da UERJ de modo a garantir-lhe não só a permanência, mas também sua inserção com sucesso na vida acadêmica. (Fonte: <http://www.sr1.uerj.br/dpei>)

“(...)fazem comentário em relação ao cabelo, em relação à roupa e... E tinha uma colega que foi fazer o estágio e veio mais arrumadinha e o professor virou pra ela e falou “Nossa! Você veio arrumadinha hoje!” Sabe reparava, mas nunca comentou, num momento “anda tão largadinha”.

“Quem não é da sua “panelinha” não fala com você, só quando é necessário. Os grupos são muito fechados. Mesmo entre os não cotistas. É muito fechado.”

Quanto às possíveis dificuldades de natureza acadêmica enfrentadas no curso, Samantha explica que todas podem ser superadas e o programa de assistência ao estudante na Uerj (o Proiniciar) contribui muito para isso. Além disso, acredita que as dificuldades enfrentadas no início do curso são comuns a cotistas e não-cotistas:

“Não, dificuldades têm, mas não por isso (...) .Pode ser até que esse desfavorecimento na educação, no histórico da pessoa prejudique claro, mas são diferenças normais, nada que ‘ah, vai ser reprovado fatalmente’.”

“(.) acho que não há nada que a gente não possa correr atrás...Assim, eu sei que há pessoas que tem um a tradição na família de ter melhores escolas, muito melhor do que a gente, mas pelo que eu tenho visto, nada que o cotista não possa correr atrás e chegar junto.”

Camilla, no entanto, lista uma série de dificuldades para o pleno acompanhamento das atividades de sua graduação, como por exemplo o não-conhecimento de uma língua estrangeira: “No começo do curso, teve um professor que passou um texto em inglês...reclamamos, mas ele achava um absurdo não sabermos inglês. (...) Só os cotistas não leram o texto, que caiu na prova.”

Segundo Samantha, entraram junto com ela, 16 estudantes via reserva de vagas para afro-descendentes. Apesar das vagas reservadas para estudantes afro-descendentes serem 100% preenchidas na turma de Samantha, a mesma teve muita dificuldade em dizer quantos alunos negros cotistas tinham em sua turma:

“É porque o que acontece, tem muitos negros que entram por rede pública também entendeu? É difícil de identificar. Como eu te falei não tem essa heterogeneidade toda assim declarada turma,é difícil mesmo de identificar ,é uma coisa natural.”

Camilla, no entanto, não soube dizer quantos alunos negros entraram por cotas no ano que ingressou na universidade (2005). Mas, afirma que não houve evasão e que todos permanecem no curso.

Finalizando as entrevistas, tanto Samantha como Camilla disseram que sempre se posicionaram a favor das cotas. As duas alunas acreditam que não ingressariam na universidade sem essa política.

Algumas considerações finais

É evidente que o cotidiano de Camilla é bem diferente do de Samantha. Ainda que esta diferença seja justificável pela periodização de cada uma (Camilla está no 6º período e Samantha, no 2º), “a vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social” (HELLER, 2008, p.34). O cotidiano é ainda território do contraditório, do relativo e do confuso: é multiforme e dinâmico. É, na verdade, o exercício diário dos atos que fundam e sustentam a identidade.

A partir das falas de Camilla, é possível inferir que seu dia-a-dia acadêmico é permeado por uma “categoria do pensamento do comportamento cotidianos” (HELLER, 2008, p.63) – o preconceito. O pensamento a que Heller (2008) se refere, é, na verdade, o que entendemos como comportamento. O fato dos professores da estudante de Nutrição observarem as roupas dos estudantes cotistas é um ponto a ser considerado na análise do comportamento daqueles.

É notável que a universidade encontra-se um momento de desconstrução do padrão monocultural: o corpo discente, especialmente nos cursos considerados “mais elitizados” (como Direito), está muito mais heterogêneo. No entanto, ainda resiste estratégias de silenciar a “diferença”, afinal

O silêncio, o implícito, a sutileza, o velado, o paternalismo são alguns aspectos dessa ideologia. O racismo brasileiro na sua estratégia age sem demonstrar a sua rigidez, não aparece à luz; é ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente em seus objetivos. Essa ideologia é difundida no tecido social como um todo e influencia o comportamento de todos, de todas as camadas sociais e até mesmo as próprias vítimas da discriminação racial. Discutir a questão da pluralidade étnica, em especial da sua representação nas instituições públicas e nas demais instituições do país, ainda é visto como um tabu na cabeça de muitas pessoas, pois é contraditória à idéia de que somos um país de democracia racial. (MUNANGA, 1996, p. 215).

Por fim, este trabalho nos sugere, ainda que preliminarmente, que as políticas públicas de ação afirmativa merecem ser estudadas e problematizadas a partir do cotidiano de seus beneficiários. Deve ser tarefa da comunidade universitária, pensar

mecanismos e estratégias de pôr em xeque o padrão monocultural e discriminatório daquele espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HELLER, A. **Cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2008.

MUNANGA, K. **As facetas de um racismo silenciado**. In: SCHWARCZ, L.; QUEIROZ, R.(orgs). Raça e diversidade. São Paulo: Edusp, 1996.

<http://www.srl.uerj.br/dpei/conteudo.php?login=&sessionid=&referencia=dpei&codificacao=026:003> (Acesso em 19 de dezembro de 2009)